



REVELAÇÃO

FERNANDO & LUIS COSTA

10

01-04**LUIZ COSTA (1879-1960)
SONATA N°2 PARA VIOLONCELLO E PIANO**

- 1 Allegro assai
- 2 Adagio sostenuto
- 3 Vivace – Meno mosso
- 4 Allegro

09**LUIZ COSTA
CANÇÃO
DE MAIO****10****LUIZ COSTA
NO ERMO
DOS MONTES**

Luiz Costa (São Pedro de Fralães, 1879, Porto, 1960) foi um dos mais importantes compositores do seu tempo, excelsa pianista e homem de larga cultura, cuja família produziu um número extraordinário de nomes cimeiros da arte dos sons. Como muitos outros artistas que atravessaram épocas de transição estética e social, Luiz Costa ficou sempre dividido entre a música da sua idade de formação e as novas linguagens que entretanto surgiram, tendo encontrado no entanto a sua voz íntima desde muito cedo. Entre romantismo alemão e impressionismo francês, a índole profundamente bucólica do compositor e o amor à sua terra natal marcam toda a sua obra, dedicada na sua maioria ao piano ou à música de câmara com piano. As três obras que constam deste CD são um bom exemplo da constância bucólica da sua inspiração, e também das alturas que esta poderia ter atingido tivesse Luiz Costa querido dedicar-se por inteiro à composição e a géneros mais exigentes e formalmente mais complexos. A sua natureza, porém, era a de um miniaturista, a de um aguarelista musical que, percorrendo os campos, se detém onde a vista encontra um motivo digno de nota, que esboça rapidamente para em seguida procurar um outro enquadramento pitoresco. Assim é a *Canção de Maio*, sem data, curta página que capta um momento fugaz, o sentimento feliz do apogeu da Primavera.

Em *No ermo dos Montes* (1931), obra dedicada à sua filha Madalena de Sá e Costa quando esta, exímia violoncelista, já tinha 15 anos (“à minha querida filha Madalena, pelos seus progressos no estudo do violoncelo”), Luiz Costa desvela prodígios de emoção, naturais numa obra com tal dedicatória de amor filial. Curiosamente, lembranos alguns momentos do compositor moravo Leos Janacek em obras escritas em contexto semelhante: uma peculiar mistura de romantismo tardio com elementos que já são, claramente, do século XX, mistura extremamente pessoal que, por isso mesmo, não se torna datada nem anacrónica.

Já a *Sonata para Violoncelo e Piano nº 2*, terminada em Moledo do Minho em 1941, é – naturalmente – uma obra de outra envergadura, embora não menos poética do que as duas anteriores. Quando referimos que a natureza de Costa era a miniatura, e não tanto a exigência da grande forma, não quisemos de modo algum sugerir que este foi incapaz de escrever de forma coerente obras maiores, como o demonstram os dois quartetos de cordas, ou esta sonata. Porém, e tal como com Debussy (e até

Ravel), o conflito entre a liberdade harmónica e textural do Impressionismo e as velhas formas de estruturação musical são também evidentes em muitas obras desta geração, sendo o neoclassicismo que muitos vieram a adotar uma solução de recurso a partir dos anos 20 e 30. A *Sonata nº 2*, música inspiradíssima e de elegante escrita, funde assim elementos da escola alemã e francesa (Debussy em particular) com o bucolismo e atmosfera lírica tipicamente portugueses, e ainda algum pendor neoclássico (que lembra também Ravel) e um “iberismo” discreto que aqui e ali espreita por cima do ombro, e que encontramos também nos mestres franceses. Obra já tardia no relativamente modesto e curto modernismo português, ainda assim a beleza intrínseca desta obra, e o pessoalismo íntimo que revela impõem-se sobre a tirania cronológica da data de composição. |

05-08

ANTÓNIO PINHO VARGAS (*1951) QUATRO NOVOS FRAGMENTOS III

- 1 Molto ritmico
- 2 Molto espressivo
- 3 Deciso
- 4 Giocoso

António Pinho Vargas (Vila Nova de Gaia, 1951) é, indubitavelmente, o mais significativo compositor português do dealbar do século XXI, posição que não esgota uma proteiforme personalidade que se desdobra, com igual felicidade, no ensino no ensaísmo estético, na prática do jazz enquanto *song-writer* e ainda na improvisação livre ao piano. No seu impressionante catálogo sobressaem várias obras sinfónicas, coral-sinfónicas, 5 concertos e obras concertantes, um majestoso Requiem, 4 óperas, ciclos vocais com piano, e ainda uma profusão de obras de câmara, entre as quais são de salientar 4 quartetos de cordas, para além de importante música para cinema.

Os 4 *Novos Fragmentos* surgem como que em resposta tardia ao seu “opus 1”, os 3 *Fragmentos* para clarinete solo, e, tal como estes, são dedicados a esse excepcional músico que é António Saiote. Escritas, desta vez, para clarinete e piano, em 2010, as quatro miniaturas conheceram em 2012 uma segunda versão para flauta e piano e em 2017, uma terceira, para violoncelo e piano, a que consta deste CD.

A singularidade dos 4 *Novos Fragmentos* repousa na capacidade de, com tão pouco, expressarem tanto, e no alcançarem aquilo que é apanágio de uma verdadeira miniatura, ou seja, o sentimento de que tudo ficou dito nesse curto espaço de tempo. Ao mesmo tempo, a riqueza interior das peças é tal que cada nova adaptação (as quais implicam mudanças de fraseado, agógica, registo e, evidentemente, cor instrumental) parece trazer à tona algo que antes não nos fora dado escutar, qual palimpsesto

secreto. Bastará a este respeito comparar os 4 *Novos Fragmentos* na sonoridade evanescente da flauta e no timbre quente mas angustiado do violoncelo para termos praticamente duas obras distintas embora com algo indefinível em comum, dualidade que nos fascina e intriga, sensação não muito distante da descrita por Freud no seu ensaio de 1919, “Das Unheimliche” (“A Estranheza Inquietante”).

Ao mesmo tempo espaço minimal e maximal, as quatro peças resumem toda uma sinfonia em quatro andamentos, sendo o seu auge o 2º fragmento, “molto expressivo”, correspondente ao “adagio” sinfónico, unicamente moldado este na forma fúnebre de uma quase-que-passacaglia de imensa concentração expressiva. |

11-23

FREDERICO DE FREITAS (1902-1980) 13 VARIAÇÕES PARA VIOLONCELLO E PIANO

- | | |
|----|---|
| 1 | Larghetto |
| 2 | Allegro vivacissimo |
| 3 | Allegretto grazioso |
| 4 | Allegro deciso |
| 5 | Melopea pastorale |
| 6 | Allegro vivo |
| 7 | Un tanto largo |
| 8 | In tempo riposo e affetuoso |
| 9 | Danza rituale |
| 10 | Cinquinarco |
| 11 | Canti di Marinaio |
| 12 | Declamazione solene –
Allegro leggiero con bravura |
| 13 | Fuga. Allegro fiero e risoluto |

Frederico de Freitas (Lisboa, 1902-1980), foi, junto com Luiz de Freitas Branco, Fernando Lopes-Graça e Joly Braga Santos, um dos quatro grandes nomes da composição portuguesa da primeira metade do século XX. De entre os quatro é, porém, o único que, ainda hoje, espera pela reavaliação, edição e registo fonográfico de grande parte da sua

imensa obra, obra que engloba não somente música de concerto (tendo praticado todos os géneros: ópera, música religiosa, de câmara, concertante, bailado, etc.), música para crianças e teatro radiofónico, mas também música para filmes, peças de teatro e revistas, e ainda imensas canções, arranjos ligeiros, orquestrações e até fados, muitos das quais ainda hoje são dos mais populares que alguma vez se criaram, como o emblemático “Fado da Severa”. Maestro e homem empenhado com igual pertinácia nos direitos dos músicos, Frederico de Freitas ainda hoje é criticado, num meio musical afetado, como o português, por uma tal dispersão de tarefas e grande ecletismo de linguagens e estilos. No entanto, se a obra, pela sua própria dimensão, só pode ser desigual, também é certo que, nos melhores momentos, Frederico de Freitas atinge cumeadas que o colocam, certamente, entre os maiores da nossa música do século XX. Existiu sempre no compositor, do ponto de vista musical, um lado mais

frívolo e ligeiro (*Dança da Menina Tonta, Concerto para Flauta*) e um lado mais sério (*Quarteto Concertante, Requiem*), facetas que raramente coexistiam, como coexistem (até num Beethoven), na mesma obra.

De pendor exigente e carácter sério, que por vezes não evita certo pendor escolástico, são estas 13 *Variações para Violoncelo e Piano*. Terminadas em Lisboa a 13 de Abril de 1969, foram a última obra de câmara do compositor, compostas com a intenção deste concorrer ao Prémio Nacional de Composição “Carlos Seixas” (1970) da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, tendo este no entanto ficado deserto, o que motivou algum ressentimento por parte de Frederico de Freitas que, claramente, via nestas suas variações uma obra a considerar.

As treze variações são, na realidade, doze, sendo que a décima terceira representa o culminar da obra numa fuga com 3 temas. A carreira de Frederico de Freitas começou muito cedo, com duas obras de câmara que usavam de forma clara a bitonalidade e a poliritmia de inspiração stravinskiana, técnicas que manterá até ao fim da sua vida quase que como a sua assinatura musical. Prokofiev, Martinu, Hindemith

e vários outros compositores da primeira modernidade são igualmente influências notórias em Frederico de Freitas, que ainda assim consegue, a nosso ver, manter intacta a afirmação pessoal quer do seu estro quer do seu portuguesismo. Datadas porém da década de 60, as variações são, como outras obras da mesma época (dominada já pelas vanguardas seriais), construídas sobre um tema serial dodecafónico tratado com alguma liberdade, e as linhas melódicas que daí derivam são livremente cromáticas na sua generalidade, dureza expressionista só aqui e ali suavizada por algum diatonicismo harmônico e pelo maior imediatismo de algumas peças “de carácter”, cujos títulos são, por vezes, devedores de Alfredo Casella e da geração neoclássica italiana: *Melopea Pastorale, Danza Rituale, Canto di Marinaio...*

O rigor matemático e implacável da grandiosa fuga final torna-se, assim, o corolário esperado do que se ouviu até aí, música nos antípodas da maneira mais “popular” do compositor, bipolaridade que ainda hoje divide críticos e musicólogos em geral mas que, se aceite e admirada em Pessoa, porque não noutrios artistas? |

© Sérgio Azevedo 2017



01-04

LUIZ COSTA (1879-1960)

SONATA N°2 PARA VIOLONCELLO E PIANO

- 1 Allegro assai
- 2 Adagio sostenuto
- 3 Vivace – Meno mosso
- 4 Allegro

09

LUIZ COSTA

CANÇÃO DE MAIO

10

LUIZ COSTA

NO ERMO DOS MONTES

Luiz Costa (1879 in São Pedro de Fralães bis 1960 in Porto) war einer der wichtigsten portugiesischen Komponisten seiner Zeit, ein begabter Pianist und vielseitig interessierter Künstler. Wie auch andere, die durch Phasen des ästhetischen und sozialen Umbruchs gegangen sind, war Luiz Costa immer zwischen der Musik seiner prägenden Jahre und den neuen Sprachen, die seitdem entstanden sind, hin- und hergerissen. Trotzdem fand er schon früh seine eigene persönliche Stimme. Die deutsche Romantik und der französische Impressionismus haben neben dem zutiefst bukolischen Wesen des Komponisten und der Liebe zur seiner Heimat sein Werk geprägt, welches hauptsächlich für Klavier oder Kammermusik mit Klavier komponiert ist. Die drei Werke auf dieser CD sind nicht nur gute Beispiele für die bukolische Konstanz seiner Inspiration, sondern auch für die Höhen, die seine Musik hätte erreichen können, wenn Luiz Costa sich ganz der Komposition, und somit auch anspruchsvolleren und formal komplexeren Musikgattungen verschrieben hätte. Sein Wesen jedoch war das eines Miniaturisten, eines musikalischen Aquarellisten, der durch die Felder wandert und sich dort aufhält, wo der Blick auf ein bemerkenswertes Motiv trifft, welches er schnell skizziert, um dann wieder in die Ferne zu schweifen. So ist es bei *Canção de Maio*, einer undatierten, kurzen Komposition, die einen

flüchtigen Moment, das Glücksgefühl zur Frühlingsblüte, einfängt.

In *No ermo dos Montes* (1931), einem Stück, das seiner damals 15-jährigen Tochter Madalena de Sá e Costa, einer bemerkenswerten Cellistin („an meine liebe Tochter Madalena, für ihre Fortschritte beim Studium des Cellos“) gewidmet ist, enthüllt Luiz Costa voller väterlicher Liebe und Hingabe ungeahnte Emotionen. Interessanterweise erinnert die Komposition an Momente in Werken des mährischen Komponisten Leos Janacek, die in einem ähnlichen Kontext entstanden sind: eine eigentümliche Kombination aus Spätromantik mit Elementen, die eindeutig dem 20. Jahrhundert zuzuordnen sind. Eine persönliche Mischung, die eben deshalb weder veraltet noch anachronistisch ist.

Die *Sonate Nr. 2 für Violoncello und Klavier*, 1941 in Moledo do Minho fertiggestellt, ist ein Werk von ganz anderer Größenordnung, wenn auch nicht weniger poetisch als die beiden vorherigen. Als darauf hingewiesen wurde, dass Costas Vorlieben eher der Miniatur als den großen Formen galt, sollte keineswegs

behauptet werden, dass er nicht in der Lage war, größere Werke zu schreiben, wie die beiden Streichquartette oder eben diese Sonate beweisen. Wie bei Debussy und Ravel ist die Gegenüberstellung von harmonischer und struktureller Freiheit und der Strenge der alten Formen in vielen Werken dieser Generation zu spüren, bevor in den 20er und 30er Jahren des 20. Jahrhunderts der Neoklassizismus als alternativen Lösungsansatz akzeptiert wurde. Die zweite Cellosonate, ein sehr inspiriertes und elegant geschriebenes Werk, verbindet Elemente der deutschen und französischen Schule mit der typisch portugiesisch lyrischen Atmosphäre, sowie mit einigen neoklassizistischen Tendenzen und einem diskreten „Iberismus“, der auch bei den französischen Meistern zu finden ist. Obwohl es sich um ein spätes Werk in der relativ bescheidenen und kurzlebigen portugiesischen Moderne handelt, drängen sich die innere Schönheit und die intime Subjektivität der Sonate, trotz der widrigen historischen Umstände während des Entstehungsprozesses auf. |



05-08

ANTÓNIO PINHO VARGAS (*1951) QUATRO NOVOS FRAGMENTOS III

- 1 Molto ritmico
- 2 Molto espressivo
- 3 Deciso
- 4 Giocoso

António Pinho Vargas (Vila Nova de Gaia, 1951) ist zweifellos der bedeutendste portugiesische Komponist des Beginns des einundzwanzigsten Jahrhunderts und eine vielseitige Persönlichkeit, die mit gleicher Freude in der Lehre, im Verfassen ästhetischer Aufsätze, in der Jazz-Praxis als Songwriter und in freier Improvisation am Klavier tätig ist. Unter seinem beeindruckenden Katalog heben sich viele Kompositionen hervor. Eine Reihe von symphonischen und chorsymphonischen Werken, fünf Konzerte und konzertante Werke, ein majestatisches Requiem, vier Opern, Vokalzyklen mit Klavier und eine Fülle von kammermusikalischen Werken, darunter vier Streichquartette sowie Musik für Filme.

Die *Vier neuen Fragmente* entstanden als späte Antwort auf sein „Opus 1“ *Três Fragmentos* für Solo-Klarinette und sind ebenfalls dem außergewöhnlichen Musiker António Saiote gewidmet. Auf die vorliegenden vier Miniaturen, die im Jahr 2010 für Klarinette und Klavier geschrieben wurden, folgte 2012 eine zweite Version für Flöte und Klavier und 2017 eine Adaption für Cello und Klavier, die auf dieser CD zu hören ist.

Die Besonderheit der Fragmente liegt in der Eigenschaft, möglichst viel mit möglichst wenig auszudrücken und in der Vollendung dessen, was das Charakteristikum einer echten Miniatur ist: in kürzester Zeit alles nötige zum Ausdruck zu bringen. Gleichzeitig ist der innere Reichtum der Stücke so groß, dass jede neue Adaption und somit jede Veränderung in Phrasierung, Agogik, Register und Instrumentalfarbe etwas Neues hervorzubringen scheint.

Besonders deutlich wird dies, wenn man den flüchtigen Flötenklang der zweiten Fassung mit dem warmen und leidvollen Timbre des Cellos vergleicht. Obwohl die beiden Versionen sehr unterschiedlich wirken, verbindet sie eine undefinierbare Gemeinsamkeit, eine faszinierende Dualität und ein Eindruck, der nicht weit entfernt ist von dem, was Sigmund Freud 1919 in seinem Aufsatz „Das Unheimliche“ beschreibt.

Gleichzeitig minimaler und maximaler Raum, umfassen die vier Stücke eine ganze Symphonie. Ihr Höhepunkt ist das zweite Fragment, „molto espressivo“, das dem symphonischen Adagio entspricht und den Schatten einer Passacaglia von immenser Konzentration und höchstem Ausdruck darstellt.!



11-23

FREDERICO DE FREITAS (1902-1980) 13 VARIAÇÕES PARA VIOLONCELLO E PIANO

- | | |
|----|--------------------------------|
| 1 | Larghetto |
| 2 | Allegro vivacissimo |
| 3 | Allegretto grazioso |
| 4 | Allegro deciso |
| 5 | Melopea pastorale |
| 6 | Allegro vivo |
| 7 | Un tanto largo |
| 8 | In tempo riposo e affetuoso |
| 9 | Danza rituale |
| 10 | Cinquinaro |
| 11 | Canti di Marinaio |
| 12 | Declamazione solene – |
| | Allegro leggiero con bravura |
| 13 | Fuga. Allegro fiero e risoluto |

Zusammen mit Luiz de Freitas Branco, Fernando Lopes-Graça und Joly Braga Santos war Frederico de Freitas (1902 bis 1980 in Lissabon) einer der vier großen Namen in der portugiesischen Musik der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts. Von den vier jedoch ist er der Einzige, der immer noch auf eine Aufarbeitung, Herausgabe und Einspielung eines großen Teils seines immensen Werkes wartet. Ein Werk, das nicht nur Genres wie Oper, religiöse Musik, Kammermusik, konzertante Musik und Ballett sondern auch Kindermusik, Hörspielmusik, Musik für Film, Theater und Revue, sowie viele Lieder, Arrangements und Orchestrierungen umfasst. Sogar Fados, von denen einige zu den populärsten ihrer Art zählen, entstammen seiner Feder (wie beispielsweise der berühmte „Fado da Severa“).

Bis heute jedoch steht Frederico da Freitas in portugiesischen Fachkreisen für seinen eklektizistischen Stil und für seine Zerstreuung in unzähligen Gebieten der Musik in der Kritik.

Auch wenn sein Werk aufgrund der schieren Dimension Unregelmäßigkeiten aufweist, erreichte Frederico de Freitas in seinen besten Zeiten Höhen, die ihn ebenbürtig mit den größten Komponisten der portugiesischen Musikszene des 20. Jahrhunderts erscheinen lassen. Aus musikalischer Sicht gibt es in seinem Schaffen immer eine leichte und frivole (*Dança da Menina Tonta*, *Concerto para Flauta*) und eine ernste Seite (*Quarteto Concertante*, *Requiem*). Obwohl diese Facetten selten nebeneinander bestehen, können sie bei Freitas sogar im gleichen Werk koexistieren.

Anspruchsvoll und ernsthaft im Charakter, der einer gewissen scholastischen Neigung nicht ausweicht, sind die *13 Variationen für Violoncello und Klavier*, die in Lissabon am 13. April 1969 fertiggestellt wurden. Es ist das letzte kammermusikalische Werk des Komponisten und Entstand

mit der Absicht um den nationalen Kompositionsspreis „Carlos Seixas“ (1970) des Staatssekretariats für Information und Tourismus zu konkurrieren. Die Entscheidung der Jury, das Werk nicht zu küren, verärgerte Frederico de Freitas, der in seinen Variationen eine Komposition sah, die berücksichtigt werden sollte.

Die Karriere von Frederico de Freitas begann schon früh mit zwei Kammermusikwerken, welche die Bitonalität und die Polyrhythmen von Strawinsky als Inspiration nutzten. Techniken, die er bis zum Ende seines Lebens fast wie seine musikalische Signatur beibehielt. Prokofjew, Martinu, Hindemith und einige andere Komponisten der frühen Moderne sind ebenso wichtige Einflüsse für Frederico de Freitas, ohne dass diese seinen persönlichen Einfallsreichtum und sein portugiesisches Wesen in Frage stellen würden.

Wie auch andere Werke der selben Periode (von der seriellen Avantgarde dominiert), sind die Variationen in freier Art und Weise auf einem seriellen Zwölfton-Thema aufgebaut. Die Melodielinien, die sich daraus ableiten sind im Allgemeinen

frei chromatisch gestaltet. Darüber hinaus kann hier und da eine expressionistische Härte gefunden werden, die durch harmonische Diatonik und größere Unmittelbarkeit einiger Charakterstücke aufgeweicht wird, deren Titel manchmal von Alfredo Casella und der italienischen neoklassizistischen Generation inspiriert sind: *Melopea pastorale*, *Danza rituale*, *Canto di Marinaio...*

Die mathematische und unnachgiebige Strenge der großen finalen Fuge ist die Konsequenz auf das bisher Gehörte und ist gleichermaßen Höhepunkt des Werkes. Musik, die sich gegen den „populärsten“ Stil des Komponisten wendet und durch diese Bipolarität noch heute sowohl Kritiker als auch Musikwissenschaftler in zwei Lager aufspaltet. Wenn aber diese Eigenschaft in Fernando Pessoa anerkannt und bewundert wird, warum dann nicht auch in anderen Künstlern? |



01-04**LUIZ COSTA (1879-1960)****SONATA N°2 PARA VIOLONCELLO E PIANO**

- 1 Allegro assai**
- 2 Adagio sostenuto**
- 3 Vivace – Meno mosso**
- 4 Allegro**

09**LUIZ COSTA
CANÇÃO
DE MAIO****10****LUIZ COSTA
NO ERMO
DOS MONTES**

Luiz Costa (1879 São Pedro de Fralães – 1960 Porto) was one of the most important composers of his time, an outstanding pianist and an artist of many interests. Like others who have gone through periods of aesthetic and social transition, Luiz Costa's music was always torn between the music of his formative years and the new languages that have emerged. Nevertheless he found his own individual voice at a very early age. German Romanticism and French Impressionism influenced his oeuvre, mostly dedicated to piano and piano chamber music, alongside the deeply bucolic nature of the composer and the love to his homeland. The three works on this CD are not only good examples of the bucolic consistency of his inspiration, but also of the heights that he could have reached if he had wanted to dedicate himself entirely to composition, as well as to more demanding and formally more complex genres. But his nature was more of a miniaturist and a musical watercolourist walking through the fields, stoping where the eye meets an exceptional motif, which he quickly sketches and then continues to roam. Thus is the case with *Canção de Maio*, a short undated composition that captures a fleeting moment, the joyful feeling of spring's heyday.

In *No ermo dos Montes* (1931), a work dedicated to his then fifteen-year-old daughter Madalena de Sá e Costa, a remarkable cellist („to my dear daughter Madalena, for her progress in the study of the cello“), Luiz Costa unveils deep emotion full of dedication and paternal love. Curiously enough, the piece evokes similarities to the Moravian composer Leos Janacek, who has written some of his works in a similar context: an individual combination of late romanticism and elements that clearly belong to the twentieth century. A personal mixture which seems neither outdated nor anachronistic.

The *Sonata No. 2 for Violoncello and Piano*, completed in Moledo do Minho in 1941, is a work of different dimensions, yet no less poetic than the previous two pieces. When Costa's nature was described as a miniaturist, rather than a composer interested in bigger and more complex genres, it was never the intention to suggest that he was unable to write larger works, as demonstrated by the two string quartets or this very sonata.

The confrontation of harmonic and structural freedom of Impressionism and the rigour of old forms is evident in many works such as from Debussy or Ravel, before the idea of Neoclassicism was accepted as an alternative solution from the 20's and 30's onwards. The second Cellosonata is a very inspired and elegantly written piece combining elements of the German and the French school with the typical Portuguese bucolic and lyrical atmosphere, as well as some neoclassical tendencies and a discreet „iberism“ which we also find in the French masters. Although being a late work in the relatively modest and short-lived Portuguese modernism, the intrinsic beauty and the intimate personalism of this work are clearly visible despite the tragical and difficult historical context of composition. |

05 - 08

ANTÓNIO PINHO VARGAS (*1951) QUATRO NOVOS FRAGMENTOS III

- 1 Molto ritmico
- 2 Molto espressivo
- 3 Deciso
- 4 Giocoso

António Pinho Vargas (Vila Nova de Gaia, 1951) is undoubtedly the most significant Portuguese composer of the dawn of the twenty-first century, a position that does not limit a protean personality that unfolds with equal joy in teaching, in aesthetic essay writing, in jazz practice as a song-writer and in free improvisation at the piano. Among his impressive catalogue many compositions stand out, such as a number of symphonic and choral-symphonic works, five concertos, a majestic Requiem, four operas, vocal cycles with piano, and a plethora of chamber works, among which four string quartets, as well as music for cinema.

The *Four new Fragments* emerge as a late response to his „opus 1“, the three fragments

for solo clarinet, and like these are dedicated to the exceptional musician António Saiote. Written in 2010 for clarinet and piano, the four miniatures met in 2012 a second version for flute and piano and in 2017 a third one for cello and piano, which is featured on this CD.

The uniqueness of the fragments lies in the ability to express so much with so little and in the attainment of that which is the Hallmark of a true miniature: narrating everything in a short amount of time. At the same time, the inner richness of the pieces is such that each new adaptation and therefore each change in phrasing, agogic, register, and instrumental color seems to reveal a hidden aspect. On this matter it will suffice to compare *the Quatro Novos Fragmentos* in regards to the evanescent sound of the flute and the warm yet distressed timbre of the cello to end up with practically two distinct works. A duality that fascinates and intrigues with something

indefinable in common evoking a sensation not far from the one described by Freud in his 1919 essay, „Das Unheimliche“ („The Uncanny“).

Simultaneously a minimal and maximal space, the four pieces sum up a whole symphony in four movements. Its peak being the second fragment „molto espressivo“ corresponding to the symphonic „adagio“, uniquely shaped in the funeral form of a quasi-passacaglia of immense expressive concentration.¹



FREDERICO DE FREITAS (1902-1980)

13 VARIAÇÕES PARA VIOLONCELLO E PIANO

- | | |
|----|------------------------------------|
| 1 | Larghetto |
| 2 | Allegro vivacissimo |
| 3 | Allegretto grazioso |
| 4 | Allegro deciso |
| 5 | Melopea pastorale |
| 6 | Allegro vivo |
| 7 | Un tanto largo |
| 8 | In tempo riposato e affetuosamente |
| 9 | Danza rituale |
| 10 | Cinquinaro |
| 11 | Canti di Marinaio |
| 12 | Declamazione solene - |
| 13 | Allegro leggiero con bravura |
| | Fuga. Allegro fiero e risoluto |

Frederico de Freitas (1902-1980, Lisbon) was, along with Luiz de Freitas Branco, Fernando Lopes-Graça and Joly Braga Santos, one of the four great names of Portuguese composers in the first half of the twentieth century. Among the four, however, he is the only one who still awaits the reevaluation, editing and recording of a

large part of his immense work. An oeuvre that contains not only opera, religious music, chamber music, and ballet but also children's music and music for radio plays, movies and dramas, as well as plenty of songs, arrangements, orchestrations and even fados, many of which are still today among the most popular that have ever been created, such as the iconic „Fado da Severa”.

To this day Frederico de Freitas is under criticism for his eclectic style and the distraction in countless musical directions. However, his heritage is irregular due to its own dimension. But at his best Frederico de Freitas reached peaks that certainly place him among the greatest in the Portuguese music scene of the twentieth century. There always existed a more frivolous and light side (Dança da Menina Tonta, Concerto para Flauta) and a more serious side (Quarteto Concertante, Requiem)

in his compositions. Aspects that rarely coexist but seem naturally bound together in Freitas' music.

The 13 Variations for Cello and Piano are demanding and serious in nature. The piece, which was completed on April 13th 1969 has a certain scholastic inclination and is Freitas' very last piece for chamber music. Composed with the intention of competing for the National Composition Prize „Carlos Seixas“ (1970) of the Secretariat of State for Information and Tourism, the variations received no recognition and led to some resentment on Frederico de Freitas' part, who considered his variations a work to be honoured.

Frederico de Freitas' career began rather early with two chamber works that clearly use the bitonality and the polyrhythms of Stravinsky as inspiration, techniques he somehow maintained as his musical signature. Prokofiev, Martinu, Hindemith, and several other composers of the time are equal influences for Frederico de Freitas, who was still able to keep his personal and Portuguese style intact. Like other works of the same period (dominated by the serial

avant garde), the variations are built on a twelve-tone theme. But Freitas uses the theme to derive melodic lines and adds chromatics and harmonies in a flexible way. Expressionistic colours appear here and there, softened by rare diatonic harmonies and by the immediacy of some „character“ pieces, whose titles are partly inspired by Alfredo Casella and the Italian neoclassical generation: Melopea pastorale, Danza rituale, Canto di Marinaio...

The mathematical and unforgiving rigour of the final grand fuga becomes the awaited culmination of what was heard so far. Music which opposes the composer's most „popular“ style. This bipolarity still divides critics and musicologists to this day. If it's accepted and admired in Pessoa, why not in other artists? |

Recorded at the Grande Auditório
of Calouste Gulbenkian Foundation,
Lisbon (Portugal) 10-12 July 2017

Producer, sound engineer (Tonmeister):
Lukas Kowalski, Benedikt Schröder

Piano technician:
Manuel Patrão, Paulo Pimentel

Concept & Design:
Julian de Kieviet, Eugenio Frassica,
Manja Förschler

Cover photo:
Rui Bandeira

Photos:
João Vasco, Benedikt Schröder

Text:
Sérgio Azevedo

Special thanks to:
João Pedro Mendes Santos,
Otelo Lapa, Nuno Fernandes,
Rudolf Preckwinkel,
Susanne & Axel Münchrath,
Albert Schröder

decurio

DEC-001

Made in Germany

© 2017 © 2018 decurio.
www.decur.io

REVELAÇÃO

POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS

FERNANDO & LUIS COSTA

01-04

LUIZ COSTA (1879-1960)

SONATA Nº2

PARA VIOLONCELLO E PIANO

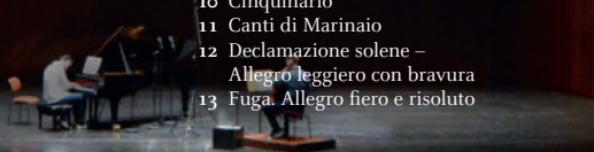
- 1 Allegro assai
- 2 Adagio sostenuto
- 3 Vivace – Meno mosso
- 4 Allegro

05-08

ANTÓNIO PINHO VARGAS (*1951)

QUATRO NOVOS FRAGMENTOS III

- 1 Molto ritmico
- 2 Molto espressivo
- 3 Deciso
- 4 Giocoso



09

LUIZ COSTA
**CANÇÃO
DE MAIO**

10

LUIZ COSTA
**NO ERMO
DOS MONTES**

11-23

FREDERICO DE FREITAS (1902-1980)

13 VARIAÇÕES

PARA VIOLONCELLO E PIANO

- 1 Larghetto
- 2 Allegro vivacissimo
- 3 Allegretto grazioso
- 4 Allegro deciso
- 5 Melopea pastorale
- 6 Allegro vivo
- 7 Un tanto largo
- 8 In tempo riposato e affetuoso
- 9 Danza rituale
- 10 Cinquinario
- 11 Canti di Marinaio
- 12 Declamazione solene –
Allegro leggiere con bravura
- 13 Fuga. Allegro fiero e risoluto

TOTAL TIME 63:29

VIOLONCELLO FERNANDO COSTA
PIANO LUÍS COSTA

decurio